

Rockfeller elogia recuperação

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O ex-presidente do Chase Manhattan Bank, o segundo maior credor do Brasil, David Rockfeller, alegou sua condição de afastado há quatro anos da presidência do banco — desde 1981 preside o International Advisory Committee, órgão do próprio Chase — para negar-se a responder a uma indagação sobre o posicionamento dos banqueiros diante da tese da capitalização dos juros da dívida externa brasileira, levantada pela Comissão do Plano de Ação do Governo — Copag — no documento entregue há três semanas ao presidente eleito Tancredo Neves.

Rockfeller, para não frustrar os jornalistas, na entrevista coletiva que ontem concedeu, após ser recebido pelo presidente Figueiredo e pelo presidente eleito Tancredo Neves, passou a pergunta ao presidente do Chase Banco Lar Brasileiro, Alfredo Salazar, que também desconversou, afirmando que a pergunta deveria ser encaminhada ao comitê assessor dos bancos e não a um banco, em particular.

O ex-presidente do Chase também não quis falar sobre o que havia conversado com o presidente eleito, afirmando que, como sempre faz quando conversa com chefes de Estado, prefere que o outro interlocutor divulgue o teor da conversa. Ele também usou o mesmo argumento para não mencionar o teor da conversa com o presidente Figueiredo.

PROTECIONISMO

Na exposição que antecedeu a entrevista e posteriormente, em resposta às perguntas dos jornalistas, David Rockfeller elogiou o que classificou de capacidade de recuperação da economia brasileira, mencionando que o País saiu de um processo recessivo de 1981 a 1983 para um excelente desempenho de sua balança comercial, com superávit de qua-



“Protecionismo exarcebado”

se US\$ 13 bilhões e uma boa performance também no balanço de pagamentos e na situação das reservas externas.

Rockfeller admitiu, no entanto, que a tendência de exacerbação do protecionismo por parte dos países industrializados, sobretudo dos Estados Unidos, como forma de reduzir os efeitos danosos da recessão passada, poderá prejudicar a atividade exportadora dos países em desenvolvimento, especialmente o Brasil. Salientou, no entanto, em tom de blague, que o protecionismo americano parece ser bom para o Brasil pois, apesar dele, os norte-americanos foram responsáveis por cerca da metade do superávit comercial brasileiro no ano passado.

O ex-presidente do Chase disse que a recuperação da economia brasileira vai reavivando o interesse dos

investidores em fazer aplicações no Brasil, mas alegou desconhecer os detalhes da legislação brasileira sobre o capital estrangeiro, para deixar de responder a uma pergunta sobre um eventual interesse dos investidores estrangeiros numa suavização dessa legislação. Naturalmente — explicou o banqueiro —, os investidores são atraídos para os países onde são melhores as condições de investimento.

Rockfeller mencionou também o fortalecimento do dólar frente às moedas européias e o yene japonês, para justificar o que classificou de dificuldades que o Brasil poderá enfrentar este ano para repetir o mesmo desempenho de sua balança comercial no ano passado, afirmando que, se isso não ocorrer, certamente será mais difícil pagar a conta dos juros, que deverá alcançar, pelos cálculos do Banco Central, cerca de US\$ 12,4 bilhões se a *Libor* situar-se na taxa média de 11,5%.

Além de conversar com Tancredo, com quem teve uma conversa “agradável, informativa e construtiva”, e com Figueiredo, Rockfeller, que procede da Venezuela e vai ainda visitar o Equador, o México e Porto Rico, em missão do International Advisory Committee, ofereceu um almoço, ontem, na embaixada americana, a políticos, empresários e gente do governo, aos quais compareceram o ministro Murilo Badaró, da Indústria e do Comércio, Cordeiro Guerra, presidente do Supremo Tribunal Federal, os senadores Afonso Camargo e Fernando Henrique Cardoso e o deputado Heráclito Fortes. Embora convidados (pelo embaixador Diego Asêncio, o anfitrião), deixaram de comparecer os ministros Delfim Netto e Ernane Galvão e o presidente do Banco Central, Afonso Pastore.

Hoje, no Rio, Rockfeller receberá empresários brasileiros com um jantar e conversará com alguns deles sobre os problemas da atualidade econômica do País.